Espaço, tempo e relacionamentos na pandemia: elaborações

*Luís Cláudio Figueiredo¹, São Paulo
Octavio Souza², Rio de Janeiro
Paulo Sergio Lima Silva³, Rio de Janeiro*

A crise pandêmica e as subseqüentes experiências de confinamento vividas por muitas pessoas são examinadas por três psicanalistas pelo viés dos efeitos, tanto manifestos quanto latentes, que se fizeram sentir em suas clínicas privadas. As dimensões de espaço, tempo e relações interpessoais, tidas como constituintes dos vínculos básicos que sustentam o sentimento de identidade, foram escolhidas como balizas organizadoras do material apresentado. A dimensão do espaço é abordada através das variações das representações de casa que se fizeram presentes no trabalho associativo em análise: a casa em suas dimensões de concentração, verticalidade e horizontalidade; a casa acolhedora, protetora, invadida, aprisionante, arruinada, reparada, reformada, ampliada, magnífica, portadora de vestígios do passado, projeto de futuro. O tempo é abordado em seus aspectos de enquadramento da situação analítica, na variedade que imprime às experiências subjetivas, e também como elemento temático do material associativo produzido em análise. As relações interpessoais são abordadas, principalmente, pela perspectiva dos efeitos da pandemia e do confinamento sobre as relações transferenciais-contratransferenciais na situação de análise remota. Ao final, são propostas hipóteses interpretativas sobre duas atitudes opostas: a arrogância negacionista e a obsessividade

¹ Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro e professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. <https://orcid.org/0000-0002-4805-0117>

² Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, pesquisador do Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ. <https://orcid.org/0000-0001-7393-9623>

³ Psicanalista, doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Membro aderente e supervisor da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ).

nos cuidados e precauções, sugerindo que ambas são decorrentes de fantasias infantis de onipotência.

Palavras-chaves: Análise remota; Pandemia; Isolamento social; Espaço; Casa; Tempo; Relações; Transferência

Introdução

Muitos pensadores, filósofos, sociólogos e psicanalistas manifestaram-se através de *lives* e artigos sobre a pandemia, vários deles imaginando que esta iria acarretar uma mudança de paradigma na ordem mundial. Alguns chegaram mesmo a supor a probabilidade de uma superação do próprio regime capitalista; outros pensaram na permanência desse regime, mas assumindo outras feições naquela que seria a sua segunda fase. De qualquer modo, a ideia de uma possível interferência na produção das subjetividades fez-se presente em quase todas as hipóteses propostas, embora não sejam mencionadas, com clareza, nem *qual* nem *como*.

Naturalmente, sabemos que a análise de um fenômeno torna-se mais consistente não só quando há uma distância ótima entre observador e observado, mas também – e este é o ponto mais importante – um afastamento no tempo, o suficiente para que seja avaliado o seu desenvolvimento, bem como as mudanças e as possíveis elaborações.

Três psicanalistas com estilos bem diferenciados, inevitáveis superposições nas narrativas ou nos pontos de vista e eventuais discordâncias, aqui relatam suas impressões basicamente centradas em experiências clínicas ocorridas dentro desse período, ou seja, dentro de um recorte limitado de tempo; isto implica restrições para uma avaliação mais fina e precisa das consequências nas subjetividades. O conjunto dos textos começou a ser redigido no primeiro semestre de 2020, sendo continuamente discutido pelos três autores ao longo de 2020 e do primeiro semestre de 2021. A forma atual foi definida em julho do corrente ano.

Apesar de ainda estarmos imersos na cena traumática da pandemia e sem uma clareza sobre sua finalização, que no presente momento volta a parecer possível, os três psicanalistas visam aprofundar os temas tratados em um artigo publicado em *Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ), O medo e a experiência do espaço, do tempo e do contato durante o confinamento* (Lima Silva, 2020). Nele foram abordadas as exigências de modificações nas subjetividades em relação aos limites espaciais, temporais e relacionais impostos pela pandemia. Ora, estas três dimensões constituem os vínculos básicos que

sustentam o sentimento de identidade segundo Grinberg em seu livro *Identidad y cambio* (1971), sendo exatamente esses os vínculos afetados, em grau maior ou menor, pelo estado de exceção que vivemos atualmente.

Passado um primeiro momento, o medo – um dos temas abordados no artigo acima citado –, se não se esvaneceu, acabou unindo-se à cautela, à prudência e a algum conhecimento, deixando assim de ser o afeto predominante nas subjetividades em análise, ao menos na sua forma mais angustiada, próxima à paranoia. Por esta razão, ele não será objeto de maior investigação no presente artigo.

Na verdade, uma forte reação maníaca e contrafóbica veio ganhando corpo ao longo do tempo, o chamado *negacionismo*, que pode ser encontrado sob algumas formas mais discretas nas sessões clínicas.

Sobre o espaço: a casa

A psicanálise mostra que a subjetivação das categorias dentro/fora, permitido/proibido, inclusão/exclusão ao longo do processo de desenvolvimento permite, entre outras funções, a estruturação do pensamento e sentido da realidade em suas dimensões espaciais e temporais. As fobias, por exemplo, em sentido mais estrito, e as psicoses, de modo mais contundente, fornecem evidências de formações patológicas dessas categorias. Ora, o quadro inesperado que se instalou desde março de 2020, se não produziu necessariamente alterações psicológicas radicais, abalou de modo significativo as *garantias* usuais que nos dão continência, ou seja, as estruturas emocionais inconscientes de enquadramento que regulam os processos de nossa vida social.

Claro que uma determinada situação, por mais catastrófica que seja, não será traumática para todos os indivíduos no mesmo grau e da mesma maneira. Contudo, sem dúvida aguça a sensibilidade para respostas que ativam elementos da estrutura e da história de cada indivíduo.

A abordagem do vínculo espacial – que se interpenetra e, em alguns momentos, superpõe-se às outras duas dimensões (temporais e relacionais) – mostra de modo claro alterações nas categorias acima mencionadas (dentro/fora etc.). O isolamento, a solidão (ou sua contrapartida, o contato compulsório) e o impedimento de ir e vir determinam experiências inusitadas, com frequência próxima à psicopatologia. Com alguma precisão, Camus, em *A peste* (1947/2017), denominou de *exílio* a emoção despertada pelo flagelo; exílio em relação ao mundo e, por vezes, em situações mais radicais, em relação a si próprio. O eu habitual – com angústias e defesas conhecidas – tende a se atrofiar e passa a reagir consciente e inconscientemente aos limites impostos. Abaixo, serão descritas algumas posições reativas frente a tais limitações.

Na clínica, durante a pandemia, a representação *casa*, mais do que nunca, tornou-se predominante e chamativa nas narrativas dos pacientes: desejo de sair de casa, arrumar a casa, reformas, idealizações e projetos em relação à casa no futuro, sonhos com temáticas ligadas ao lugar de habitação etc.

Casa é continente, lugar de segurança, do repouso, segunda pele na nossa existência. Entretanto, chama a atenção nos exemplos acima que a casa fica associada à ideia de movimento, ou seja, um lugar do qual se pode entrar e sair e, portanto, longe da concepção da matriz que originalmente nos contém.

O confinamento implicou um posicionamento dos indivíduos frente aos *não pode*, aos limites impostos pela máxima: “fique em casa!”. “Mas uma casa da qual não se pode sair e para a qual não se volta é ainda uma casa? Não há casa sem rua e dentro sem fora. Uma casa na qual a porta se torna parede já não é bem casa” (Duarte, 2020, p. 11). Retornaremos a esse ponto mais adiante.

O isolamento na casa, entre quatro paredes, apenas exacerbou a relação que já tínhamos com a casa interna, tornando porosas ou estagnadas as relações internas/externas, dentro/fora mencionadas anteriormente. O confrontar-se consigo mesmo, muitas vezes difícil, até insuportável, acabou se intensificando para muitos em virtude da fraca ou ausente mediação do outro, na sua face de objeto externo, que tantas vezes ameniza esse encontro. A mobilidade do nosso corpo, de nossas experiências, submete-se agora com mais intensidade aos impedimentos e reativa os limites de nossa própria história. Embora frente ao vínculo temporal o sujeito torne-se mais radicalmente impotente, na medida em que é colocado em uma curiosa posição de espera diante das dimensões sociais e espaciais, as representações associadas à casa apresentam-se mais suscetíveis de serem, digamos assim, manejadas de outro modo. Exploremos este ponto.

Buscamos inspiração para desenvolver algumas ideias nas categorias de Bachelard em seu belo livro *A poética do espaço* (1957/2008). Nesta obra, ele fala da “maternidade da casa” (p. 202), lugar que, de algum modo, “mantém a infância imóvel” (p. 202) através das memórias, das reminiscências, das repetições. Ele imagina a casa como comportando dimensões, como um ser vertical e também concentrado. Acrescentamos uma dimensão horizontal, sendo esta compreendida como possuindo duas acepções, as quais serão desenvolvidas mais adiante. Sobre estas três dimensões iremos nos aprofundar, tentando ilustrar a movimentação possível dentro de tão estreitos limites. Falamos em movimentação como sendo a defesa que se impôs agora à *casa cuja porta se tornou parede*. No entanto, não deixamos de reconhecer que, para alguns sujeitos, o sentimento de segurança, aconchego, tranquilidade e proteção dentro da casa (e longe do mundo), ao menos em um momento inicial, tenha se sobreposto a qualquer ideia de aprisionamento.

Na dimensão vertical, Bachelard imagina uma linha que vai da profundidade do porão até o sótão, os telhados, os contatos com o céu. De fato, enquanto muitos pacientes desciam em sua produção até a escuridão dos porões, outros se alçavam à luminosidade do ar livre.

O contato com a casa “como um ser concentrado”, explica Bachelard (1957/2008, p. 208), ocorre quando ela nos convida para uma consciência de centralidade. Em sujeitos menos sensíveis à claustrofobização sugerida pelo confinamento ou à paralisação das atividades habituais, a casa possui, segundo o autor, um poder de “integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos” (p. 201). Em um certo sentido, ela se constitui em facilitador para o ensimesmamento e em uma sensibilidade apurada para o contato com a interioridade. No caso da clínica, expressaria uma *boa capacidade* de fazer regressões, de viajar no tempo produzindo lembranças e associações inovadoras. O movimento do centro aos *porões* torna-se responsável pela fertilidade de algumas análises. Na atividade onírica, encontramos sonhos em que o protagonista descia ao interior de uma mina para encontrar algo que não sabia o que era e, para tal, enfrentava inúmeros perigos. Outro paciente, depois de meses de aparente estagnação em sua análise, surpreendeu-nos durante várias sessões com uma história lembrada de sua infância, em que uma menina perdida em um poço era encontrada com vida depois de dias de procura. Sua existência, apesar da quarentena, tomou novos impulsos depois da recuperação dessa reminiscência.

Os exemplos acima por certo exibem uma literalidade em relação ao acesso à profundidade. Contudo, esta pode ser percebida também no enriquecimento do material inconsciente, dimensão para muitos, agora, mais porosa às narrativas, em virtude da aproximação de lembranças e de segredos até então ocultados.

No entanto, o contato criativo com os porões da subjetividade, com a garantia de um filtro protetor de boas defesas (entenda-se um ego bem estruturado ou, de acordo com a metáfora, uma casa com paredes bem construídas), nem sempre ocorreu. Para alguns, restou configurada a ameaça de uma nova e inóspita habitação; falamos aqui de um agravamento na vida psicológica de pacientes mais frágeis.

Na nossa clínica, o aparecimento de quadros fóbicos – a casa como prisão – e principalmente de sentimentos hipocondríacos, alguns bem graves – a casa/corpo como dor, sofrimento, túmulo – tornou necessária a ajuda de profissionais com recurso a medicamentos.

Em oposição a esse movimento, a atividade subjetiva de vários pacientes direcionou-se ao *alto*, às ditas funções superiores e à criatividade. Apareceram ilustradas por descobertas artísticas, culinárias, botânicas, literárias, musicais, mesmo que rudimentares. Diríamos que, em especial, foram mais visíveis em

um primeiro momento da pandemia, tendo uma coloração algo maníaca. Salutar, sem dúvida, buscando, através de uma *descarga motora*, em uma concentração manual na maioria das vezes, uma compensação à imobilidade imposta ao corpo e à existência habitual. Menos afeitos aos atos criativos e mais apegados aos comportamentos obsessivos, alguns se entregaram à arrumações domésticas infundáveis, com o mesmo objetivo de um distanciamento da imobilidade e – por que não? –, por meio de uma postura ativa, também o distanciamento de uma vivência regressiva.

Por vezes, o deslizamento no mesmo eixo (altura/profundidade) foi feito pela mesma pessoa. A senhora citada acima, a partir da recriação do episódio lembrado, passou a produzir vídeos com crianças com carências alimentares, ou seja, através de imagens, ensaiava uma simbolização primária daquilo que parecia até então inacessível, clivado de sua subjetividade. Desse modo, também a cena transferencial se animava; até então o analista aparecia *apenas* como o depositário de uma evacuação constante e monótona de fatos do seu cotidiano e de reclamações crônicas contra tudo e todos. Agora, era endereçada a ele a expectativa de reconhecimento pelos seus movimentos e de sua pessoa como capaz de criar.

Ao contrário, alguns sujeitos mais despreparados para um momento *compulsório* de interiorização, ou talvez inconscientemente atemorizados com uma possível descida aos *porões*, escaparam para aquilo que denominamos em trabalho anterior (Lima Silva, 2020) de posição *normótica*.

Falamos acima de atrofia do eu. Nesse caso, a capacidade de imaginar, o brincar e a fluência livre das associações apresentaram-se bloqueadas. Característica de alguns indivíduos, mas também de uma primeira fase da pandemia, quando a *objetividade* da situação conspirou, digamos assim, contra a posição de sujeitos durante o processo analítico. Nessa categoria *normótica* típica de alguns pacientes, ou propiciada pelo momento, a tendência foi o afastamento de questões, dilemas, conflitos (que fazem parte de sua bagagem identitária). Buscou-se então a adaptação à uma rotina, à *normalidade* artificial e estéril. Nesse caso, a vivência cotidiana expressou a predominância do tédio, refletindo-se na clínica em sessões superficiais, rotineiras e empobrecidas. No final de 2020 e ao longo do corrente ano, esta posição sofreu alterações graças aos novos processos adaptativos dos pacientes ou, talvez, às habilidades renovadas do analista para lidar com as novas feições da resistência.

Como mencionamos anteriormente, alguns pacientes aceitaram de forma passiva os limites aos seus movimentos e, por defesa ou afirmação de um estilo de vida, chegaram a se regozijar com o aconchego do lar. Uma paciente inclusive propôs a finalização do tratamento, alegando extremo bem-estar. Não havia mais motivos para sofrer dos ciúmes do marido, que a atormentavam antes. A ausência

de um terceiro ameaçador, a recriação de uma díade idealizada, diminuía seu sofrimento e angústia, graças a uma ilusória e momentânea proteção.

A flexibilização da quarentena despontando no horizonte no segundo semestre de 2020 despertou nesses pacientes um luto antecipado pela perda da tranquilidade desfrutada; um possível *colapso* temido, projetado em um pedaço de futuro que esperavam que *nunca chegasse*. Uma pessoa chegou mesmo a mencionar a descoberta de um tempo – o do ócio e o da *curtição* –, tempo este que, em seu dizer, faltava no seu dia a dia.

Assim, enquanto alguns desenvolviam suas análises com mais ou menos investimentos, com uma produção de material razoavelmente estável... outros se rebelaram. E estes tendiam ao desespero, a quadros depressivos fortes ou intensas atuações. Transgrediam os mandatos do confinamento e, em uma atitude contrafóbica, iam às ruas. Em um anseio de contato, chegavam mesmo a marcar encontros íntimos através de aplicativos de celular; neste caso, a rebeldia alimentava-se da negação e da onipotência.

Para essas situações, propusemos acima a dimensão da horizontalidade; ela também sugere a ampliação do movimento, mas de um movimento que fura a parede, transformando-a novamente em porta. Mais do que ocorre nas outras duas, esta é a dimensão na qual as questões com a Lei mais se evidenciam. Pela incoerência, pelo desgoverno e pela desorientação das mensagens do que seriam as normas a serem seguidas no decorrer de uma situação de calamidade, os critérios de conduta deslizaram para o individual sem o apoio de uma referência externa. Esses critérios vão se orientar de acordo com as características predominantes de cada sujeito. Alguns serão capazes de avaliar com cuidado a situação. A sensatez e a precaução, por exemplo, podem orientá-los no sentido de buscar medidas pertinentes e se preservar dos riscos. Se exageradas, entretanto, essas medidas podem ficar a serviço da busca de uma certeza obsessiva (através de limpezas compulsivas etc.), supostamente garantidora de uma blindagem contra a contaminação. Uma outra forma de certeza, mais radical ainda, pode se manifestar em uma posição contrafóbica (negacionista) de perseguição do prazer e da liberdade. Neste caso, o sujeito, de maneira onipotente, vê-se imune ao contágio e rompe com os protocolos da quarentena, tentando triunfar sobre o perigo. Esta última posição será desenvolvida nas conclusões.

Curiosamente, entre a obediência e a transgressão às novas leis, apareceram sonhos de natureza incestuosa. A realização do proibido existe, mas não é atuada, já que se configura *apenas no espaço onírico*. Um paciente, de modo geral frio e distante dos seus amores, sonha que vai a uma sauna com a mãe. Um adolescente conta que assistiu uma série de TV (ou filme) intitulada MILF, que significa,

explica-me ele, *Mothers I'd like to fuck*, sobre o relacionamento de jovens com mulheres bem maduras, o que incita à produção onírica intensa.

Outra paciente sonha que mantém relações sexuais com os irmãos que moram em países longínquos. O distante retorna próximo, aquecido com desejos primitivos. Alguns porões do passado são ativados, mas a horizontalidade espacializa-se no território dos sonhos, onde não existe pandemia e nem protocolos, e onde, apesar da vigilância sisuda do superego, quase tudo é permitido. Por vezes, a angústia frente à experiência incestuosa, mesmo que realizada apenas na dimensão onírica, impulsiona uma busca de laços amorosos e sexuais além dos muros da casa. Ficaria aí reafirmada a direção exogâmica do desejo.

Contudo, há outra maneira de conceber e realizar a horizontalidade sem que a *porta seja furada*, mas mantendo o contato com a rua e o mundo. É verdade que, para alguns, o tédio, a paralisação, mesmo em um tom menor, permanece. Sem afirmar uma ideia generalizada, temos a impressão de que os pacientes e as pessoas em geral que possuem um “fiador” (Costa Pereira, 1999, p. 186 e 201) consistente em seu enquadre interno estão mais habilitadas a se ligar a um *terceiro* sob a forma de um fora, de uma *exterioridade*, seja sob a forma de um interesse político ou de uma ação solidária com a comunidade.

Pessoas razoavelmente distantes surpreendem-nos ao indagar sobre a nossa saúde, fazendo amplas recomendações de cuidados. Pacientes enviam textos pessoais, ou apenas engraçados ou informativos, tentando aumentar o contato.

Já em um nível mais complexo e abrangente, uma posição ativa do sujeito manifesta-se também através da consciência mais clara em relação à comunidade e ao pertencimento global. O laço social, abalado pelas restrições, é ampliado com a consciência de que o mundo se estende além do espaço do confinamento e de que nós vivemos um tempo unificado.

Individualidades compulsoriamente isoladas podem tentar se *aglomerar* de outro modo, encontrar-se em uma exterioridade, fazendo resistência contra o fechamento narcísico, o negacionismo da vida, e contra os preconceitos e a violência dos governos retrógrados.

Todas essas colocações dizem respeito a uma amostra de pacientes (alguns novos e a maioria dando continuidade aos processos anteriores à eclosão da pandemia) que parecem ter se conformado à formatação *on-line*. Estão em evidência, em nossa experiência, algumas novas características (o contato distante e a proximidade do rosto, entre outros). No entanto, passado um momento inicial de perplexidade, a adaptação, seja aos hábitos trazidos pela quarentena, seja ao novo enquadre nas análises, indica uma estabilidade no modo habitual do funcionamento clínico. Incluiríamos, entretanto, ao menos nos casos atendidos por nós, uma certa

quebra de formalidade, quem sabe se porque há a consciência de que estamos, paciente e analista, envolvidos pela mesma cena, e porque cada um fala da própria casa. E também porque os trajes, a exposição de alguma intimidade, a presença de animais, raramente crianças, a utilização de objetos ou de características da casa como material de tratamento, tudo isto constituem novidades que são acrescentadas às narrativas antes puramente verbais. Esta *informalidade* será abordada e mais desenvolvida na terceira parte do trabalho.

Sobre o tempo: os tempos

A pandemia e o confinamento estão durando muito mais do que esperávamos. Quando começamos a escrever esse trabalho, ainda estávamos próximos do início, antes do pico da primeira onda e, pouco depois, já começávamos a acreditar que a onda passaria e uma certa normalidade seria recuperada. Isso não aconteceu. Em meados do primeiro semestre de 2021, já estávamos nos preparando para uma eventual terceira onda, depois de termos atravessado uma segunda muito mais assustadora do que o foi a primeira. Agora, julho de 2021, aparentemente, a situação parece um pouco menos assustadora. Assim sendo, nossas vivências temporais vêm sendo profundamente afetadas ao longo desses muitos meses de sofrimento. Seremos, portanto, obrigados a tentar situar as nossas observações no tempo cronológico: existem fenômenos e processos característicos dos meses iniciais em 2020, assim como os que vieram depois e ainda os mais recentes. E as mudanças não param, nem podemos prever quando e como irão, de fato, terminar.

Cabem algumas considerações preliminares. O tempo pode nos interessar ao menos sob três aspectos: como um enquadre *quase transcendental* da experiência analítica (para Kant, o tempo era uma das formas universais da sensibilidade, um *a-priori* transcendental da experiência), como uma experiência vivida e como um *tema*, algo sobre o que se fala. O que vamos desenvolver a seguir dirá respeito a essas três dimensões, pois em todas observamos alguns aspectos importantes e que se alteraram ao longo dos meses.

Tempo e enquadre

Começamos pela questão dos enquadres temporais. No início, o confinamento, o *home office* e, principalmente, a ausência das marcas mais nítidas das diferenças entre *horas de trabalho* e *horas de repouso* (o que inclui *horas de lazer* e *horas de sono*), entre *dias da semana* e *fins de semana*, entre *período de trabalho* (ou *ano letivo*) e *feriados* ou *férias*, deixaram todos nós, analistas e analisandos, em um

estado de desorientação temporal, vítimas da ausência dos ritmos diários, semanais, mensais e anuais que nos ajudam a dar valores e sentidos diferenciados aos tempos. Ou seja, nossos enquadres rotineiros foram se esborando e isto, em maior ou menor medida, afetou nossas capacidades internas de sustentação e continência nos planos intrapsíquico e intersubjetivo. Essas perdas de continência e sustentação – que exercem importante função protetiva – contribuem para a produção de estados de ansiedade, já muito ativados pelo medo da doença e do contágio.

Assim, como forma e enquadramento, para muitos de nós, o tempo do confinamento na pandemia perdeu, em grande medida, logo no início e rapidamente, os limites nítidos. Por exemplo, quando o tempo da sessão estava correlacionado ao espaço do consultório, os limites de cada sessão e mesmo dos intervalos entre elas podiam garantir com maior facilidade seus começos e términos. No entanto, isso foi gradualmente perdido com a extrema duração do confinamento. A grande quantidade de mensagens de muitos pacientes recebidas por nós entre as sessões sugere a dificuldade de enquadrá-las em termos temporais. Em um caso, por exemplo, uma analisanda enviava – logo ao acordar – o relato dos seus sonhos. Eles eram ouvidos também no horário da sessão – mas quando, efetivamente, a sessão tinha começado? E quando ela realmente terminava? Sabemos que uma sessão sempre *começa antes e termina depois* do horário estipulado, mesmo em épocas normais de sessões presenciais. No entanto, parece que, ao menos para alguns analisandos, a ausência de marcos temporais mais nítidos balizando suas rotinas, ao que se acresce a prática da comunicação remota e o uso fácil e costumeiro de dispositivos de contato à distância, tornou ainda mais elástica e imprecisa a temporalidade dos encontros analíticos e os intervalos entre estes.

Tempo e vivências

Passemos agora ao tópico das vivências temporais.

No curto prazo, o *home office* foi vivido a princípio como sinônimo de liberdade, mas em seguida mostrou-se sinônimo de servidão – o que foi se revelando e acentuando ao longo dos meses. De início, ouvimos muitos pacientes entusiasmados com o trabalho em casa (sem pegar trânsito, sem precisar se vestir de maneira mais formal etc.), para, em seguida, se darem conta de que já não tinham a proteção dos limites: o escritório foi tomando conta da casa inteira, 24 horas por dia e sete dias da semana. Além disso, também os filhos, fora da escola, iam tomando o dia inteiro dos pais. Principalmente para quem trabalha com conexões internacionais, a sobreposição dos tempos, por conta das diferenças de fusos horários, trouxe, no plano das vivências, uma grande confusão de enquadramento e enorme confusão temporal.

Pensamos que as mudanças na apreciação do *home office* dificilmente cabem no conceito de *elaboração*; ao contrário, parecem mais saturação e esgotamento, o que foi produzindo uma sombra depressiva em forte contraste com os momentos iniciais do confinamento. Quando a extensão do confinamento foi-se tornando de uma duração inimaginável e ainda não se via uma luz no fim do túnel, a gravidade depressiva aumentou consideravelmente, o que veio a tornar as rotinas, para muitos, quase insuportáveis. Os reflexos disso não tardaram a se fazer sentir no tempo como experiência vivida. Em primeiro lugar, o cansaço.

O tempo aplainado, sem muitos relevos e sem quase nenhuma descontinuidade regular – sem ritmo –, foi gerando tanto a monotonia e um certo esvaziamento quanto, simultaneamente, a monotonia e uma certa saturação. Ou seja, a continuidade indiscriminada (não ritmada), a monotonia e a confusão, com poucas interrupções significativas, começaram a prevalecer: muitas vezes, os horários do almoço e do jantar, dos exercícios e do sono, da convivência e do isolamento, foram se desconjuntando e produzindo tanto a desorientação temporal como o cansaço e a saturação. Ainda assim, para alguns, as vantagens prevaleceram por mais tempo. Em geral, foram os que sempre gostaram de atividades mais sossegadas e solitárias: ler, ver filmes, ouvir música, atividades que exigem enquadres que sempre se apoiaram em disposições individuais, pois frequentemente eram momentos em que o sujeito ficava isolado da sociabilidade geral.

Houve também quem tivesse, de início, aproveitado o confinamento para um maior investimento na vida doméstica e familiar. Contudo, a alegria não durou muito, principalmente para quem tinha filhos pequenos.

Outro aspecto da temporalidade a destacar em termos de *tempo vivido* foi o período – alguns poucos meses no primeiro semestre de 2020 – de entrada nesse regime de confinamento e conexões remotas. Esse início exigiu aprendizagem e adaptação, causando muita ansiedade e fadiga (não a fadiga da saturação, mas a fadiga gerada pelas demandas de adaptação e aprendizagem). Foi um tempo de muitas incertezas e desconhecimento, mas também de várias novidades. Observou-se incremento nas interações, na troca de informações, de piadas e de brincadeiras: para alguns, acabou sendo um tempo leve ou fortemente maníaco, isto é, foi um *uso* do tempo com fortes conotações antidepressivas e contrafóbicas. O tempo vivido era aproveitado para combater a depressão e o medo.

No entanto, quando alguma rotina pôde ir se estabelecendo, o que veio à tona foi a repetição e ausência de variedade, ou seja, desvitalização, desânimo, tédio, o que acionou ainda mais essas práticas de agitação e animação artificial, acentuando a sensação de cansaço. As defesas maníacas precisam de variedade e

novidade para funcionar, e elas foram escasseando, deixando a própria agitação desanimada e vazia.

O tempo do longo prazo, que inclui o passado distante e o futuro, também passou por significativas alterações. Esse tempo ficou meio *sem fim e sem começo*, aumentando a sensação de tempo que não passa, de falta de horizontes. Não apenas ficavam faltando horizontes para a frente – perspectivas de futuro –, mas também os *horizontes para trás* (por exemplo, muitos não sabiam ao certo desde quando estavam confinados e o que havia ocorrido antes do início do confinamento). Criase, assim, no plano das vivências, uma eternidade cinzenta.

No entanto, começamos a escutar *projetos* que a rigor não eram bem projetos, mas devaneios sobre o que poderia acontecer ao fim da pandemia (dali a uns meses, imaginavam), e esses devaneios traziam a ideia de uma *eternidade colorida*.

Parece que, assim como a agitação e a animação frenética nas redes de amigos e conhecidos – verificadas nos momentos iniciais – caracterizavam-se como um estado maníaco em contraposição ao medo e ao tédio, esses devaneios da eternidade colorida funcionavam como evasões da eternidade cinzenta. Ao contrário da mania, porém, aqui não se encontrava a agitação, mas uma espécie de letargia e prostração que, embora visando conscientemente algum futuro em algum lugar – uma utopia –, traziam consigo os traços da regressão e da nostalgia.

Contudo, alguns desses devaneios acabaram se transformando em *sonhos* e em sonhos realizáveis – por exemplo, a concretização de reformas ou mesmo a compra de uma casa nova. Embora seja difícil generalizar, parece que essa transformação dos devaneios em sonhos, e mesmo em realizações de velhos sonhos, dependeu de um processo de luto bem desenvolvido.

Em um caso acompanhado, ficou evidente essa relação: perdas recentes e antigas puderam ser processadas no contexto do confinamento e das perdas que ele nos impôs, e, somente quando esses lutos avançaram, os sonhos verdadeiros emergiram e puderam se converter em transformações efetivas. Em outro caso, também foi necessário entrar em um estado de desânimo profundo e até desespero com a pandemia e o confinamento para daí sair em condições de pequenas decisões e providências que abriam novas e melhores condições de vida. Isso está podendo acontecer mesmo com a pandemia em alta e o confinamento se estendendo.

As mudanças parecem estar diretamente ligadas aos lutos que puderam ser desenvolvidos e até estimulados pelas condições vigentes, desfavoráveis e restritivas. Porém, mesmo nesses casos, os devaneios persistiram, diferenciando-se muito do que estava podendo ser obtido, decidido, conquistado. Isso nos sugere que os processos de luto estão longe de terminar. Um caso chama a atenção: uma parte do devaneio virou *sonho* e foi realizado – comprar um apartamento – ,

enquanto outra parte continuou como devaneio – no futuro, fechar o apartamento e mudar-se para Paris.

De todo modo, a vivência básica seria a de um tempo que parou de passar, mas que, de repente, passa justamente quando, para alguns analisandos, certos processos de luto se completaram, ou, ao menos, avançaram de forma significativa. Verificam-se, assim, movimentos e *balanços* que trazem o sujeito de volta para a vida e dão ao tempo vivido um novo ar, ainda que o confinamento persista.

Ao final do ano de 2020, começaram a se abrir brechas de alguma esperança de que o tempo voltaria a passar: houve, ao fim da primeira onda, uma sensação de que estava acabando o confinamento. Os festejos natalinos e o final de ano – marcos, apesar de tudo, muito fortes na cultura – ajudavam a acreditar em alguma mobilidade e recuperação.

O começo de 2021, como se sabe, parece que trouxe a sensação de retrocesso, com o aumento do desânimo e da experiência da saturação, levando mesmo ao desespero intolerável. Um dos resultados foi, paradoxalmente, a resistência redobrada em manter as medidas sanitárias, em especial o isolamento social.

Nos meses iniciais de 2021, mergulhamos novamente no tempo estendido, que só não foi pior por conta da agitação das vacinas e das tensões políticas, as quais trouxeram uma aparência de vida e mobilidade: muitas notícias – verdadeiras ou falsas –, muitas expectativas, escândalos, CPI da Covid-19 etc.

Contudo, com a situação se agravando, o medo voltando a crescer e o confinamento se estendendo a perder de vista, a sensação de tempo estagnado voltou a imperar (salvo para os sujeitos que, saindo um pouco dos lutos, estão aproveitando a oportunidade para fazer algumas mudanças, ainda que pequenas). Atualmente, como dissemos acima, abre-se de novo o horizonte de um segundo semestre um pouco mais ensolarado, mas a condição anterior de fechamento interminável e estagnação ainda persiste.

O tempo estagnado exige *passatempos*, mas *passatempos* têm prazo de validade. É difícil, talvez impossível, manter-se em regime de *passatempos* por semanas, meses e anos. Para muitos, torna-se extremamente difícil respeitar as medidas de distanciamento social porque já não aguentam mais *passatempos*, querem viver, movimentar-se, passar o tempo vivendo.

O tempo como tema

Isso nos leva ao terceiro aspecto: o tempo como tema. Hoje, em sessão, fala-se bastante no tempo, o que não acontecia nos momentos iniciais do confinamento. Nos tempos atuais, ouvimos muitas queixas do tempo que não passa, do tempo que se estende indefinidamente, que se repete, que nos consome, entedia e desanima, e,

também, que nos amedronta: o bicho está pegando, a doença anda mais rápido que a esperança de cura no Brasil, embora boas notícias de países em que a vacinação avançou rápido tragam alguma esperança e alimentem a tendência aos devaneios.

Há também sessões em que o assunto é o mau uso do tempo, o desperdício e a dificuldade de usá-lo melhor. O medo da perda irremediável do tempo das crianças e jovens e dos velhos bate com insistência nos nossos ouvidos. Os acontecimentos *naturais*, como nascimentos e até mesmo mortes que não sejam pela Covid-19, bem como outros acontecimentos mais particulares e íntimos, parecem trazer a sensação de que, apesar de tudo, o tempo não parou de passar. No entanto, é difícil sabermos o que pode haver aí de elaboração e transformação.

Sobre os relacionamentos

Frente aos desdobramentos da pandemia do Coronavírus, podemos discriminar, de modo esquemático, três momentos do vivido subjetivo em seu aspecto mais coletivo. Um primeiro momento de sentimento de catástrofe, trazido pela constatação do poder destrutivo que o vírus representou, e ainda representa, para as condições de vida e de sobrevivência que até então acreditávamos serem as nossas; um segundo momento de expectativa esperançosa, no qual a pandemia pareceu estar prestes a ser melhor controlada, e um terceiro momento, no qual ocorreu o recrudescimento da pandemia em uma segunda onda que se desdobra em uma terceira.

De um ponto de vista retroativo, o segundo momento parece ter servido como dobradiça para a passagem do primeiro para o terceiro momento. O primeiro, marcado por medos paranoides parcialmente contidos por movimentos hipomaniacos de resistência combativa através do superinvestimento tanto das condições do isolamento (aprimoramentos culinários, decoração da casa, trabalhos manuais, improvisos no campo da criação artística) quanto da comunicação via *internet* com outros também em isolamento (encontros virtuais entre amigos, *lives* artísticas, conferências *on-line*). Em seguida, o terceiro momento, no qual o medo e o interesse pelas atividades domésticas e pelas comunicações febris começaram a ser substituídos por sentimentos de isolamento acentuado e angústias depressivas.

Hoje, pouco se ouve falar dos prazeres do fazer doméstico ou dos encontros remotos com amigos. Nas conversas do dia a dia e no consultório, predominam os relatos de exaustão, desânimo e confusão. O medo de contágio, embora ainda muito presente, já não é mais o principal assunto. A pandemia torna-se fonte menos de medo do que de desânimo, de perda de confiança na própria capacidade criativa.

As relações

Detendo-nos nos aspectos relacionais do vivido subjetivo, o primeiro momento começou sendo experimentado sob o signo do medo persecutório do agente viral potencialmente presente nos próximos e na evitação de situações fóbicas configuradas. O ambiente, até então relativamente assegurador, viu-se infiltrado por uma carga viral que o tornou inseguro e ameaçador. De uma perspectiva objetual, a cisão entre o bom e o mau foi submergida na confusão, o mau fragmentado conglomerando-se com tudo o que pode ser bom. O familiar, seja ambiental, seja interpessoal, tornou-se estranho, contaminado. O vírus estava potencialmente presente no ar e no próximo.

Para alguns, os pensamentos de infecção, de morte, de sofrimentos gerados pela doença, de anomia social, foram traduzidos por noites de insônia e pesadelos, por crises de angústia que muitas vezes se concentravam em ataques de pânico. Para outros, esses medos ficaram mais distantes, o que lhes possibilitou uma melhor sintonia com as dificuldades da nova situação. Para todos, foi necessário um tempo para o início de um trabalho elaborativo.

Para aqueles que puderam e escolheram seguir de modo mais estrito as normas de confinamento, a medida implicou importante suspensão das exigências sociais que imprimem ritmo e finalidade ao cotidiano. De um dia para o outro, a presença no trabalho foi cortada, assim como as reuniões sociais, as festas, o convívio com familiares e funcionários domésticos, as compras, as trocas de olhares e de palavras nas ruas. Para muitos, o mesmo ocorreu com as possibilidades de encontro amoroso. Tudo foi colocado em um parêntese sem data de fechamento. Os sentimentos persecutórios, que a pandemia não pôde deixar de suscitar, espantosamente – como testemunhavam muitos dos sujeitos aqui em foco – não se fizeram sentir ou, apenas despertados, logo cessaram. Tampouco surgiram os sentimentos claustrofóbicos ou de solidão que seriam esperados. Nem mesmo a urgência de encontros amorosos, até então ansiosamente esperados, foi tão sentida, como se a constatação de que todos os potenciais rivais amorosos também se encontrarem na mesma situação permitisse um tempo de repouso e de alívio. A experiência vivida foi, em grande parte, a de um estranho contentamento. Tudo passava a ser contido em uma cabana protegida, não só da pandemia represada do lado de fora, mas também e, talvez, principalmente, de uma imensa parte dos compromissos sociais do passado.

Para muitos dos sujeitos que já se encontravam em análise, a mudança brusca no superego social teve como efeito indireto e inesperado o que se poderia chamar de redobramento das condições tradicionais do *setting* analítico. Primeiramente, na medida em que, como que sem querer, restabelecia o princípio de abstinência

recomendado por Freud no início de sua prática, quando pedia aos pacientes para que não tomassem nenhuma decisão importante no decorrer (então curto) de suas análises. Como é sabido, o sentido do princípio de abstinência era o retardamento do ato pela interdição temporária das exigências libidinais e superegoicas, de modo que o analisando pudesse melhor se ater ao processo que se desdobrava no diálogo analítico.

Em segundo lugar, embora contando adicionalmente, como veremos adiante, com a colaboração do fator da virtualidade do encontro remoto, a diminuição das exigências superegoicas derivadas dos contatos sociais quotidianos também contribuiu para facilitar o convite da regra fundamental ao relaxamento da atividade motora em prol do investimento no fluxo ideativo do pensamento. Os sonhos tornaram-se abundantes e o trabalho analítico adquiriu caráter marcadamente regressivo, o que deu lugar a expressivas conquistas na análise pessoal desse grupo de sujeitos. Em não poucos casos, a atividade onírica e o trabalho analítico desempenharam a função de desconstruir, de transcender (Civitarese, 2008) a impressionante cesura que a pandemia certamente não deixa de representar para todos nós. Assim como o nascimento, que, nas palavras de Freud retomadas por Bion, se ergue como uma cesura que impede o reconhecimento da continuidade entre a vida intrauterina e a infância inicial, a situação pandêmica veio a se impor, para muitos, como a aparente origem exclusiva de sentimentos agônicos que, a partir de então, se encontram desligados de sua pré-história no vivido subjetivo.

Um analisando, vamos chamá-lo de L, enfrentava as notícias da pandemia que então se aproximava com dolorosos pensamentos de contágio, de morte de entes queridos e de anomia social. Sofria de muita angústia, sensações de pânico, insônia, e era afligido por pesadelos. Com a quarentena, transformou a sua casa em verdadeiro bunker que, com o passar do tempo, lhe proporciona um bem-estar inesperado, fruto, segundo sua própria avaliação, do alívio propiciado pela diminuição das demandas sociais. Cuidava da casa, fazia exercícios, assistia séries de TV. As atividades de home office, no início estressantes, passaram a ser executadas com prazer. Avaliando a situação, L confessa, constrangido, não pensar nem no passado com saudades, nem no futuro com esperança ou aflição. O pouco de aflição que pode sentir, constata, é apenas intelectual. Observa ainda que não consegue formar projetos em seu pensamento, visto que, da perspectiva de seu bem-estar atual, não imagina qualquer situação futura como genuinamente desejável. Nenhum possível novo normal verdadeiramente o atrai.

Com a sensação de apaziguamento adquirida, voltou a dormir bem e os pesadelos foram substituídos por sonhos. Em um deles, sonha que está com seu pai, há muito tempo falecido, e que ambos estão conversando no corredor da

casa paterna. Sonhou pouco com o pai desde a morte dele, e todos eram sonhos nos quais o pai provia uma orientação que, em vida, não pudera fornecer. Eram sonhos que sempre se passavam em ambientes escuros e ameaçadores. No sonho que relatou, o corredor da casa dos pais também estava escuro. As paredes descascadas e escarificadas. Em alguns trechos, o concreto estava podre, se esfarinhando, ameaçando a estrutura da casa. Pai e filho cavoucam as paredes com chaves de fenda, procurando localizar trechos comprometidos. À despeito da apreensão, conversam calmamente, seu pai de pijama, os dois tentando lembrar as épocas em que as obras haviam sido feitas. Procuram também lembrar qual teria sido o mestre de obras encarregado das reformas referentes às paredes podres. Ao mesmo tempo, buscam ainda lembrar as reformas no apartamento de L e quais dessas obras haviam sido feitas pelo mesmo mestre de obras, de modo que L pudesse conferir, em sua casa, se essas obras apresentavam o mesmo perigo. Embora preocupados com a situação das paredes e um tanto revoltados com o mestre de obras, a conversa era prazerosa e se estendia no tempo.

As referências a espaço, tempo e relação se conjugam nesse sonho. Neutralizando a raiva com o mestre de obras, pai e filho inspecionam o momento presente do corredor despido de luz e de revestimento, ao mesmo tempo em que o correlacionam com o passado comum dos danos sofridos pelas casas de ambos e projetam futuras providências reparatórias. Em sua estrutura de conjugação temporal e espacial da relação pai-filho, o sonho pode ser tido como um ato psíquico de continência responsável por promover a transcendência da cesura constituída pela densidade do presente pandêmico, que até então concentrava L em um estado afetivo agônico sem qualquer abertura associativa. *A partir desse sonho, as associações de L abandonam progressivamente a referência exclusiva à pandemia e voltam-se para o relacionamento com seus pais ao longo das épocas de sua vida, dos lugares em que moraram e dos acontecimentos que marcaram a história familiar. Em meio a este trabalho de rememoração, reencontra algumas das dificuldades antigas que ainda hoje comprometem sua coragem para enfrentar o presente.*

Em suas associações, L refere-se à morte de seu pai, originada por graves problemas pulmonares e ocorrida em uma idade da qual ele mesmo começa a se aproximar. Lembra que, antes da pandemia, estava pensando em consultar um pneumologista por sentir um pigarro persistente na garganta. Associa sobre as dificuldades de sua relação com o pai, como ele exigia que estudasse e também que seguisse a mesma carreira que era a sua. Lembra que, ao tentar estudar, por um longo período sentia as mãos moles, o que o impedia de escrever. Lembra da decepção extrema e persistente do pai com seus resultados escolares, e o quanto

isto os afastou. Lembra que suas mãos são parecidas com as de seu pai. Apesar disso, lembra também o quanto seu pai era hábil nos trabalhos técnicos e manuais e ele não. Acrescenta, de modo jocoso, que a inspeção da estrutura das paredes da casa no sonho não poderia ter sido feita sem a ajuda do pai. L não se lembra de nenhum trabalho feito em conjunto com o pai, apenas recorda de assisti-lo trabalhando.

Após um tempo, L passa a correlacionar as dificuldades que sentiu no início da pandemia com aquelas que, na verdade, já se faziam sentir nos últimos anos. Essas dificuldades relacionavam-se às suas capacidades profissionais, enfraquecidas por seu progressivo envelhecimento. Essa correlação era evidente, mas ainda não propriamente percebida. L associa sobre o quanto havia começado a se esquivar de certos compromissos profissionais que exigiam estudo e concentração, dificuldades muito parecidas, afinal de contas, com as que sentira em seu período escolar e que julgava superadas com a maturidade profissional há muito adquirida. Percebe o quanto as suas dificuldades anteriores à pandemia já prenunciavam o que passou a sentir durante ela, e o quanto essas mesmas dificuldades lançavam raízes em sua infância, impedindo projetos de um futuro mais criativo. Admira-se do quanto a velhice repete as dificuldades ultrapassadas da infância.

Certamente, com esse exemplo, não estamos levantando a tese de que o processo analítico encontra condições melhores na conjuntura pandêmica. Apenas procuramos acompanhar um efeito paradoxal dessa conjuntura, quando o levantamento das exigências sociais resultou no que aqui chamamos de *redobramento das condições tradicionais do setting analítico*. Na verdade, as exigências sociais não têm o mesmo peso para todos. Para muitos, seu levantamento não esteve na origem da mesma intensificação do trabalho de autorreflexão. É também verdade que uma parte dos fenômenos que, no início, saltava aos olhos, foi progressivamente incorporada ao *novo normal* do fazer analítico, passando a ser avaliada inobstante sua condição remota ou presencial.

Prosseguindo, cabe agora considerar que o redobramento das condições tradicionais do setting analítico aconteceu de forma atrelada e em estrita dependência da generalização do recurso ao atendimento remoto na situação analítica. Independentemente de toda consideração do desejável retorno aos atendimentos presenciais, o qual, por sinal, há um bom tempo aos poucos acontece, muitas das consequências dessas alterações dificilmente deixarão de repercutir sobre as futuras análises presenciais. As alterações trazidas pela generalização do atendimento remoto com certeza deixarão marcas nos atendimentos presenciais futuros.

A nova condição da situação analítica em atendimento remoto ao mesmo tempo afasta os corpos de analista e analisando e aproxima seus ambientes pessoais. O consultório analítico, em uma boa medida, não é mais do analista, mas um combinado virtual dos espaços pessoais de analista e analisando. É sabido pelo anedotário das conversas entre colegas o inusitado das situações derivadas da variação do lugar escolhido pelo analisando, assim como a mobilidade que ele passa a dispor durante as sessões. Pacientes sem camisa, embrulhados na cama sonolentos ou na prostração da depressão, dirigindo carro, adolescentes indo fazer pipi enquanto prosseguem no trabalho associativo... pacientes que mostram objetos que estão ao seu alcance, integrando-os em suas associações livres.

Paralelamente às transformações decorrentes do distanciamento dos corpos e da aproximação dos ambientes, o espaçamento da sucessão entre uma sessão e outra foi suavizado. Cada sessão passou a ser espontaneamente precedida ou sucedida por trocas de mensagens *WhatsApp*, nas quais pensamentos e acontecimentos são comunicados. Tudo parece se passar como se a combinação entre a distância corporal imposta pela virtualidade da tela e a aproximação dos ambientes combinados tivesse por consequência mais proximidade do que distanciamento. As associações produzidas no novo ambiente se desdobram, aparentemente, com menor inibição. Detalhes mais íntimos da vida do sujeito, assim como avaliações a respeito da pessoa do analista, parecem ser abordados com maior liberdade. Nessas novas condições, a questão que se apresenta é a da avaliação de cada conjuntura transferencial. Como acompanhar a flexibilização do enquadramento trazida pela pandemia, com seus eventuais ganhos ou perdas parciais, sem resvalar no risco da anulação da dissimetria inerente à posição do analista?

Não se trata de buscar um acordo sobre qualquer ortodoxia a respeito do tipo de postura que se deve tomar diante do inusual de determinadas situações, mas, sim, da questão que cada analista há de apresentar sobre como se posicionar diante de eventual situação trazida pelas novidades geradas pela análise remota. O que fazer? Naturalizar? Notar? Interpretar? Interditar? Quanto do eventual aumento de proximidade na análise remota, tal como o aqui sugerido, se traduz em ganho ou perda de contato analítico efetivo?

Muito já foi dito sobre a importância do encontro presencial no que diz respeito à escuta e à comunicação estendidas aos fenômenos sensíveis e corporais, à gestualidade. Sob esse aspecto, a análise remota certamente implica importante perda. Um outro aspecto, sobre o qual alguns insistem, diz respeito à interdição do tocar, fator estruturante da dissimetria da situação analítica na medida em que presentifica a interdição do incesto. É sobre este aspecto que gostaríamos de nos deter. A virtualidade da presença corporal do analista no encontro analítico torna

a interdição do tocar, pelo menos em um primeiro momento, menos patente, aparentemente quase supérflua. Isso não significa que seja abolida, mas a sua vigência sofrerá um processo de remapeamento nas novas condições. No tempo do desdobramento desse processo, sua permanência virá a ser testada e experimentada nas novas regiões do contato analítico virtual.

Talvez essa questão possa ser inicialmente mais bem percebida no exame das dificuldades relativas ao manejo das crises transferenciais em suas manifestações hostis e libidinais. Nessas crises, a distância virtual traz dificuldades que merecem atenção. Nelas, as possibilidades de que o analista usualmente dispõe para insistir na continuidade do tratamento encontram-se falseadas pela virtualidade do encontro. É como se tudo se tornasse mais ligeiro, mais facilmente substituível. A iminência de *actings in* a serem interpretados e ultrapassados é reduzida de modo muito significativo. Nas análises presenciais, a tensão entre a descarga e a interdição do tocar como convite à simbolização empresta ao enfrentamento das crises uma força experiencial única, força que se torna rarefeita nas análises remotas.

A rarefação do contato analítico remoto que se faz sentir de forma mais nítida nas dificuldades do manejo das crises transferenciais não se traduz, necessariamente, em interrupções extemporâneas do tratamento. Parece resultar em uma maior repressão dos sentimentos hostis ou amorosos, que passam a se expressar pelo investimento nas exceções ao enquadramento tradicional permitidas pela análise remota. Tais exceções são as mesmas que acima comentávamos por seu ângulo mais positivo de propiciador de proximidade e liberdade associativa: escolha de local e de indumentária para a sessão, mensagens enviadas entre sessões, revelação natural de coisas íntimas etc.

Todas as contas feitas, tudo se passa como se o remapeamento da interdição de tocar nas análises remotas convidasse à troca das transferências hostis e amorosas à pessoa do analista por ataques velados ao enquadramento. Tal tendência não se faz presente apenas nas situações transferenciais extremas do enamoramento ou do ódio, mas também, de modo mais pontual, em todas as situações em que a transferência tende a se manifestar por seu aspecto de resistência. No fundo, a situação transferencial na análise remota desdobra-se de modo equiparável ao da análise presencial, e o analista, como sempre, deve estar atento para os limites da flexibilização do enquadramento, assim como para as armadilhas que a transferência não deixa de oferecer. No entanto, a situação remota, por suas peculiaridades, implica contingências inusitadas, com características que requerem um manejo que os psicanalistas apenas começam a aprender. As consequências da diminuição do peso da presença corporal do analista e do remapeamento da interdição de tocar que dela deriva é uma das mais importantes.

Como foi visto, na análise remota o campo gravitacional da situação analítica encontra-se transformado, de maneiras diversas e de valor transferencial contraditório, pela flexibilização do enquadramento que lhe é inerente. A aproximação dos ambientes pessoais de analista e analisando, o afastamento corporal, o alongamento das sessões pela intensificação das comunicações por via de mensagens, criam variações que vão desde o aumento do trabalho associativo, da intimidade, da regressão terapêutica, até o risco de anulação da dissimetria característica da situação analítica.

Um outro fator também agravante dos riscos de indiferenciação nas sessões remotas é a conjuntura pandêmica que as tornou necessárias. Essa conjuntura resulta em uma experiência de desamparo comum, na qual se encontram submersos tanto analista quanto analisando. Nessas circunstâncias, o diálogo analítico tende a se estabelecer nos moldes de uma simetria difícil de contornar. No limite, as sessões correm o risco de transcorrer em um ambiente afetivo em que analista e analisando se comunicam como se estivessem em enfermarias vizinhas em um hospital de campanha. A comunidade do sofrimento pandêmico apresenta-se como um fator de redução da dimensão metafórica constitutiva das experiências transferenciais, ao retirar da situação analítica a ambiguidade que lhe é essencial, ambiguidade que, nos termos do casal Baranger (1961-62), faz com que “cada coisa ou acontecimento no campo analítico seja, ao mesmo tempo, uma outra coisa” (p. 6). O sofrimento pandêmico, por sua vez, ao reunir analista e analisando em uma experiência de desamparo compartilhada, tende a se apresentar como sendo sempre a mesma coisa. Uma mesma coisa difícil de ser abordada a partir de pontos de vista dissimétricos, condição única de sua possível metaforização.

As questões relativas ao manejo da transferência em meio a essa situação englobante são apresentadas em um relevo certamente muito mais espesso e dificultoso, mas o objetivo de manter a dissimetria e a ambiguidade da situação analítica permanece.

Nessa medida, é importante que a situação remota, com suas peculiaridades, nem seja naturalizada em sua flexibilidade, que pode se confundir com *actings in* a serem interpretados, nem seja tratada de forma enrijecida como uma solução apenas temporária à espera do retorno às sessões presenciais, como as que aconteciam em um passado hoje saudoso.

No terceiro tempo da pandemia em que nos encontramos, as dificuldades de manutenção da dissimetria, tanto na análise remota quanto na análise presencial que, aos poucos, vem sendo retomada, permanecem ocorrendo, em especial devido ao fundo político de desgoverno que confere à situação pandêmica no Brasil uma tonalidade particularmente fúnebre. Os sentimentos paranoides e fóbicos dos

tempos iniciais foram substituídos por sentimentos mais próximos do desânimo e da melancolia. Manter a esperança neste quadro geral é tarefa que reúne não só analistas, mas se estende a todos. Na situação analítica, muitas vezes é do lado do analisando que o toque da esperança soa para o despertar.

Considerações finais

No momento em que essas observações estão sendo escritas (julho de 2021), o *fora da casa* acaba de passar por um período que apresentou um quadro de agravamento da pandemia no mundo, sendo que, em nosso país, assumiu dimensões de tragédia. Hoje, ao contrário, vemos imagens de países com a vacinação bem avançada e uma acentuada redução de infecções e óbitos, com a vida voltando aos poucos a uma certa *normalidade*, com pessoas se encontrando, se reunindo e sem máscaras. No Brasil, ainda estamos longe disso, mas as esperanças estão crescendo, bem como a indignação com o desastre sanitário vivido ao longo dos últimos meses. Sem dúvida, sabemos que a má gestão, a indiferença e a posição genocida por parte do governo frente à grave questão propiciou um resultado que teria sido certamente, ao menos em parte, evitável. Uma certa esperança e a indignação aparecem com força em nossos consultórios.

No entanto, o mais surpreendente é o comportamento de boa parte da população que insiste em desprezar as normas insistentemente disseminadas pela mídia com festas clandestinas, baladas e aglomerações, sem o uso de máscaras etc. Assim, continuam contribuindo para a disseminação do vírus e para a expansão da pandemia. O que pensar sobre tal atitude?

Além do cansaço frente à imposição dos limites, dos arroubos da juventude e sua vontade de viver e se entregar ao prazer, a chamada atitude negacionista traduz uma alienação em relação aos nossos laços coletivos, ao luto de grande parte da população e ao risco que estão infligindo a si próprios e ao próximo.

Moreira Salles (2020), em artigo recente, afirma que “não todo o Brasil, nem mesmo a maioria (...), mas um pedaço significativo do Brasil (...) é ...violento, racista, misógino, homofóbico, inculto, indiferente. Perverso.” (para. 51).

A afirmação categórica, o “é”, nos incomoda e, para ampliar a compreensão do tema, pensamos nas ideias de Lebrun (2008) quando propõe o que chama de Perversão Comum. Na contemporaneidade, não se trata da disseminação da chamada estrutura perversa, mas de um traço de funcionamento que produz uma “comunidade de reneгаções” (p. 260). O “eu sei, mas mesmo assim” é a fórmula

em que Octave Mannoni (1973, p. 13) resumiu a defesa de *recusa*, o evitamento da falta, da perda, a inutilização da instância paterna e da Lei.

Nas considerações de Lebrun, a quebra do paternalismo implicou o enfraquecimento de leis e regras que se constituíam em bússolas norteadoras do comportamento e das proibições aos gozos sem limites. Sem propor, é claro, uma nostalgia de tempos que sabemos sombrios, a atual configuração social favorece o que ele chama de deslegitimação da função paterna e obediência a um superego social disperso, expressão da sociedade de consumo que tem como máxima o *goza!*

Ora, nesse novo espaço, o surgimento de um *líder* populista que apregoa a indiferença e a negação da alteridade e do sofrimento surge para boa parte da população como uma resposta sedutora de colagem identificatória, Vou salnos termos de Freud (1921/2011) em a *Psicologia das massas* e nos de Adorno em *Adesão ao fascismo* (1951a/2006, 1951b/2018).

Talvez essa seja uma das linhas de compreensão do negacionismo, mas não a única. A força das fantasias onipotentes, seja nas defesas maníacas, a que já aludimos algumas vezes neste texto, seja em formas menos estridentes – mas não menos impermeáveis – de *teimosia*, está presente em todos os negacionismos, desde o dos “jovens festeiros e desmiolados” até o dos *velhos turrões*. Os pacientes de análise, ao menos os nossos, pareceram menos adeptos de tais atitudes. No entanto, pudemos observar alguns casos que nos pareceram os avessos perfeitos do negacionismo: um exagero nos cuidados e precauções obsessivas, uma fantasia de redução absoluta de riscos mediante uma opção de isolamento total. Nesse polo contrário ao negacionismo escancarado, porém, a velha fantasia de onipotência ainda está ressoando.

Talvez, em uma condição tão prolongada de perdas e ameaças coletivas, de experiências de medo e impotência tão graves e crônicas, de tanta indignação e raiva silenciadas, seja impossível não procurar amparo e consolo em alguma forma de onipotência fantasiada. A partir da observação clínica comparada de alguns pacientes, fomos capazes de levantar a hipótese de que as fantasias onipotentes podem ser depositadas no ego ou no superego. No primeiro caso, o que vem à tona é a arrogância e o senso de invulnerabilidade: “eu sou mais eu e não temo o vírus (coisa de maricas)”. Trata-se do conhecido negacionismo do atual presidente da República. Contudo, quando a onipotência é depositada no superego, ao contrário, o que vai predominar é a absoluta certeza de que o *castigo vem a cavalo* e o contágio é certo e inevitável. Aliás, contágio e transmissão do vírus, algo que incrementa tanto a culpa quanto o medo da culpa. Neste caso, os cuidados e precauções serão exagerados, obsessivos. De acordo com tal hipótese, o negacionismo e seu contrário teriam a mesma raiz nas fantasias onipotentes

alimentadas e potencializadas pela condição de desamparo e ameaças a que estamos todos expostos por tanto tempo. □

Abstract

Space, time and relationships in the pandemic: elaborations

The pandemic crisis and the subsequent experiences of confinement many have gone through are examined by three psychoanalysts from the perspective of the effects, both manifest and latent, that were felt in their private practices. The dimensions of space, time, and interpersonal relationships, seen as constituting the basic bonds that sustain the feeling of identity, were chosen as guidelines to organize the material presented. The dimension of space is approached through the different representations of *home* that emerged in the associative work under analysis. The home in its dimensions of concentration, verticality, and horizontality. The welcoming, safe, invaded, imprisoning, ruined, repaired, renovated, extended, magnificent home, bearing traces of the past, a project for the future. Time is approached in its aspects of framing the analytic situation, in the variety it imparts to subjective experiences, and also as a thematic element of the associative material produced under analysis. Interpersonal relationships are mainly addressed from the perspective of the effects of the pandemic and confinement on transference/countertransference relationships in the remote analysis situation. Finally, interpretative hypotheses are proposed for two opposing attitudes: arrogant denialism and obsessive care and precaution. Both are suggested to derive from infantile fantasies of omnipotence.

Keywords: Remote analysis; Pandemic; Social Isolation; Space; Home; Relationships; Transference

Resumen

Espacio, tiempo y relacionamientos en la pandemia: elaboraciones

La crisis pandémica y las posteriores experiencias de confinamiento en las que muchos se vieron enredados son examinadas por tres psicoanalistas por el ángulo de los efectos, manifiestos y latentes, que se hicieron sentir en sus clínicas privadas. Las dimensiones de espacio, tiempo y relaciones interpersonales, consideradas como los lazos básicos que sustentan el sentimiento de identidad, fueron elegidas como

pautas organizativas del material presentado. La dimensión del espacio se aborda a través de variaciones en las representaciones de *casa* que estuvieron presentes en el trabajo asociativo bajo análisis. La casa en sus dimensiones de concentración, verticalidad y horizontalidad. La casa acogedora, protectora, invadida, aprisionante, arruinada, reparada, renovada, ampliada, magnífica, portadora de vestigios del pasado, proyecto de futuro. El tiempo se aborda en sus aspectos de encuadre de la situación analítica, en la variedad que imprime a las experiencias subjetivas, y también como elemento temático del material asociativo producido en el análisis. Las relaciones interpersonales se abordan principalmente desde la perspectiva de los efectos de la pandemia y el confinamiento sobre las relaciones transferenciales-contratransferenciales en la situación de análisis remoto. Al final, se proponen hipótesis interpretativas sobre dos actitudes opuestas: la arrogancia negacionista y la obsesividad en los cuidados y precauciones. Se sugiere que ambos surgen de fantasías infantiles de omnipotencia.

Palabras clave: Análisis remoto; Pandemia; Aislamiento social; Espacio; Casa; Tiempo; Relaciones; Transferencia

Referências

- Adorno, T.W. (2006). A teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda. Trad. de Gustavo Pedroso. *Revista Margem Esquerda. Ensaios Marxistas*, 7. (Original publicado em 1951a)
- Adorno, T.W. (2018, 25 de outubro). A teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda. Trad. de Gustavo Pedroso. In A. Renzo, *Adorno: a psicanálise da adesão do fascismo*. Blog da Boitempo. Recuperado de <https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/25/adorno-a-psicanalise-da-adesao-ao-fascismo/> (Original publicado em 1951b)
- Bachelard, G. (1978). A poética do espaço. In *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. (Original publicado em 1957)
- Baranger, M., & Baranger, W. (1961-62). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis* (En línea), 4(1). Recuperado de <https://www.apuruguay.org/apurevista/1960/1688724719611962040101.pdf>
- Camus, A. (2017). *A peste*. Rio de Janeiro: Record. (Original publicado em 1947)
- Civitaresse, G. (2008). 'Caesura' as Bion's discourse on method. *The International Journal of Psychoanalysis*, 89(6). <https://doi.org/10.1111/j.1745-8315.2008.00089.x>
- Costa Pereira, M.E. (1999). *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta.
- Duarte, P. (2020). *A pandemia e o exílio do mundo*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu*. São Paulo: Cia das Letras. (Original publicado em 1921)
- Grinberg, L. (1971). *Identidad y cambio*. Buenos Aires: Kargieman.
- Lebrun, J-P. (2008). *A perversão comum*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lima Silva, P.S. (2020). O medo e a experiência do tempo, do espaço e do contato durante o confinamento, *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, 42 (42)
- Mannoni, O (1973). Eu sei, mas, mesmo assim. In *Chaves para o Imaginário*. Petrópolis: Vozes.
- Moreira Salles, J. (2020). A morte e a morte. Jair Bolsonaro entre o gozo e o tédio. *Piauí – Folha de São Paulo*, 166 (tempos da Peste). Recuperado de <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-morte-no-governo-bolsonaro/>

Recebido em 27/07/2021

Aceito em 31/08/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

Luis Cláudio Figueiredo

Rua Alcides Pertiga 65
05413-100 – São Paulo, SP – Brasil
lclaudio.tablet@gmail.com

Octavio Souza

Rua Visconde de Pirajá 595/905
22410-003 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil
octaviosouza@gmail.com

Paulo Sérgio Lima Silva

Rua Conde de Irajá, 110
22271-020 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil
pslimasilva@terra.com.br

© Revista de Psicanálise da SPPA